

Em defesa do SNS, património de todos, mas que nem todos defendem

Ao longo da existência do SNS, desde 1979, foram recorrentes os ataques e as medidas desestruturantes do SNS. Visaram, regra geral, os profissionais e as suas carreiras, o fraco financiamento e investimento, a burocratização, a complicação organizacional, a fragmentação organizacional, com repercussão no acesso e na integração de cuidados. Uma vez propositadamente, outras vezes por ignorância e/ou incompetência.

Os principais problemas do SNS são conhecidos. Repercutem-se na população e nos doentes que, apesar das dificuldades e críticas justas, continuam na sua grande maioria a confiar, a valorizar e a recorrer aos serviços do SNS. Na verdade, quando as situações são complexas, graves ou prolongadas, é ainda mais evidente a importância do SNS. Os mais informados também sabem que é o SNS que os protege contra procedimentos exagerados ou desnecessários, e por vezes danosos, focando as intervenções na melhor evidência disponível e na pessoa.

Tal como os problemas que, reconhecidamente complexos, são antigos, também há décadas que são avançadas propostas e linhas de trabalho para encontrar respostas adequadas e soluções adaptadas à evolução das realidades demográfica, social, económica e política. São exemplos os relatórios, publicações e propostas de personalidades, organizações e entidades, para quem o SNS é *património insubstituível de todos*.

A Fundação SNS estuda e propõe, desde 2012, linhas para a mudança adaptativa do SNS. O mais recente projeto *“Transformar o SNS – teses para a mudança”* está em desenvolvimento como contributo para as mudanças desejadas e necessárias.

O Observatório Português dos Sistemas de Saúde produziu, desde 2001, mais de 20 análises anuais da governação da saúde, com sugestões colocadas à disposição dos sucessivos governos e de outros decisores. Acaba de publicar o seu último Relatório de Primavera. Mobiliza um conjunto de peritos, investigadores e académicos que proporcionam ao país o seu conhecimento e experiência.

Também a Fundação Calouste Gulbenkian produziu o notável relatório *“Um Futuro para a Saúde – todos temos um papel a desempenhar”*, publicado em 2014.

A defesa do SNS deve assentar em propostas e medidas fundamentadas, muito além das meras críticas e dos discursos e interesses corporativos ou guiados primordialmente por objetivos financeiros. A Fundação SNS defende que a mudança é necessária e deve ser baseada em propostas e soluções testadas e a testar. Apela à inteligência colaborativa dos mais diversos atores sociopolíticos para as transformações necessárias, à complementaridade de várias perspetivas e de vários sectores, enquadrados por uma regulação competente e exigente, orientada para o bem comum, com adequados acompanhamento e controle.

O SNS é património de todos: dos que precisam hoje e dos que dele venham a precisar amanhã. Por isso, importa analisar, propor, transformar e monitorizar. A FSNS continuará a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para este propósito.

*O Conselho de Administração da FSNS,
em 5 de julho de 2022*